

Matão

Liderança mundial na produção de suco de laranja

O município ainda produz e exporta maquinário agrícola para mais de quarenta países e é exemplo de qualidade de vida.

É surpreendente. Em uma área de 545 km², que equivale a 0,2% do território do estado de São Paulo, o município de Matão concentra a maior produção de suco de laranja do planeta. É isso mesmo. Localizada no centro do Estado, a 300km da capital, a cidade conta com três das maiores empresas do setor — Citrovita, Citrusuco e Coinbra Frutesp — que, juntas, representam mais da metade da produção nacional. “Considerando que o Brasil é o maior produtor do mundo, com 53% do volume, estas três empresas fabricam cerca de um quarto do suco de laranja concentrado do planeta”, afirma Ademerval Garcia, presidente da Associação Brasileira dos Exportadores de Cítricos - Abecitrus.

No comércio internacional, a participação de Matão é ainda mais significativa. O Brasil exporta cerca de 85% do suco de laranja que circula no mercado mundial, segundo dados da Food and Agriculture Organization - FAO da Organização das Nações Unidas - ONU. Deste percentual, a cidade contribui com 55%, ou seja, é a maior exportadora de suco do mundo.

O orgulho de seus quase 72 mil habitantes, segundo dados do último Censo do IBGE, vai além da produção de suco. O município também é referência nacional na fabricação de maquinário agrícola. Duas das principais empresas do setor — Marchesan e Agri-Tillage — colocam a cidade na posição de maior produtora latino-americana de implementos específicos para o preparo do solo, plantio e cultivo da terra. “Exportamos nossos produtos para os Estados Uni-

dos, Canadá, México, Austrália e mais trinta e oito países do mundo”, explica Francisco Maturro, diretor comercial da Marchesan.

Na agricultura, em uma área de 73.268 hectares, o destaque é para a citricultura, cana-de-açúcar, café e seringueira. O desempenho destas culturas e da indústria ajudam a economia de Matão a representar 0,42% do PIB nacional e 1,2% do PIB paulista.

Preocupação social

Matão também está consciente de sua responsabilidade social. Desde 1986, o município não possui favelas. Todas as pessoas que moravam em condições precárias foram transferidas para áreas cedidas pela Prefeitura. As empresas da região doaram parte do material de construção e em regime de mutirão a população construiu as moradias. “A iniciativa foi tão positiva que moradores de favelas de municípios vizinhos até se inscreveram no programa”, afirma Carlos Alberto Varella, assessor de comunicação da Prefeitura local.

O município tem ainda uma grande preocupação com a educação. Em conjunto com a Fundação Banco do Brasil, a Prefeitura elaborou um projeto, aprovado em março pela Câmara Municipal, que visa acabar com o analfabetismo num período de dois anos. As aulas serão ministradas em igrejas, escolas municipais e estaduais — inclusive no período noturno — por voluntários e professores contratados.

História da cidade

Fundada em 27 de agosto de 1898, Matão pertencia a Jaboticabal. Seu nome teve origem nas matas da região. Além da produção de maquinário agrícola, a indústria diversifica-se ainda em fábricas de doces, sementes e confecções de materiais esportivos.

Veja alguns números



- ✓ US\$ 3.847,80 de renda per capita
- ✓ 0,25% de participação na arrecadação de ICMS
- ✓ 86,82% de taxa de alfabetização
- ✓ 97,3% de taxa de urbanização
- ✓ 417 estabelecimentos no setor de agropecuária
- ✓ 192 indústrias
- ✓ 1826 estabelecimentos comerciais
- ✓ 2639 prestadores de serviços
- ✓ 10 estabelecimentos bancários

FONTE: PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE MATÃO

Agro**negócio**

Ano 2, nº4, março 2001

Publicação oficial da ABAG/RP Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto

Amendoim Região lidera a produção brasileira



José Valdir Rossi



FOTOS HUMBERTO DANIAS

A região de Ribeirão Preto é a maior produtora de amendoim do país. Os seus diversos municípios, em uma área de aproximadamente 50 mil hectares, produzem cerca de 100 mil toneladas por ano, o que representa 60% do total do estado de São Paulo e 54% do país. Este volume coloca o Brasil como o segundo maior produtor da América Latina, com 180 mil toneladas, atrás apenas da Argentina, responsável pela colheita de cerca de 500 mil toneladas. “Liderando o ranking mundial, aparecem a China, a Índia e os Estados Unidos”, afirma o engenheiro agrônomo Dejair Minotti, supervisor de produção da Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba - Coplana.

Estável nos últimos doze anos, a produção nacional foi impulsionada a partir da criação do Pró Álcool, já que o amendoim é utilizado como cultura rotativa nas áreas de renovação da cana. “Além de aumentar a fixação de nitrogênio no solo, o risco de erosão é diminuído”, esclarece José Valdir Rossi, engenheiro agrônomo da Coplana.

Modelo de qualidade

Planta nativa do Brasil, o amendoim também faz da região de Ribeirão Preto um exemplo na utilização de sofisticadas tecnologias. Nos últimos três anos, a colheita manual vem sendo substituída pela mecanizada, em função das dificuldades de se obter mão-de-obra para esta desgastante atividade, e do ganho

de produtividade. “A colheita mecanizada responde por 50% da atividade regional. No Brasil, este índice é de apenas 20%”, diz José Valdir.

Para agregar maior valor ao produto, algumas cooperativas estão investindo no beneficiamento desta leguminosa. A Coplana, uma das maiores receptoras de amendoim do Brasil — com um sexto da produção nacional — aplicou R\$ 3 milhões no biênio 99/2000. “Até 2003 pretendemos injetar mais R\$ 5 milhões na aquisição de secadoras, climatização de armazéns e desenvolvimento de pesquisas”, explica Dejair.

Indústria alimentícia

Colhidos em vagens que nascem embaixo da terra, os grãos do amendoim são amplamente utilizados pela indústria alimentícia, como matéria-prima na fabricação de óleo de cozinha, doces, aperitivos e até na massa de chocolates.

Quanto aos boatos de que o produto é causador do câncer, Dejair é enfático: “O amendoim não é o agente causador da doença. O que pode criar problemas de saúde é a variação da umidade no sistema de armazenamento, provocando a proliferação de uma espécie de fungo (*Aspergillus flavus*)”, acrescenta. Cientes de sua responsabilidade, as empresas da região são muito cautelosas neste sentido. “Permanentemente concentramos esforços para aperfeiçoar o processo de secagem dos grãos e da climatização dos armazéns”, completa ele.

Maior consciência ambiental

As ações dos produtores rurais e agroindustriais demonstram que é possível conciliar produção com preservação do meio ambiente.

São inúmeros os exemplos que mostram, de forma crescente, a atuação dos empresários da região de Ribeirão Preto na preservação do meio ambiente. As iniciativas nesse sentido têm sido tão bem-sucedidas que alguns casos tornaram-se exemplo para outros estados e até mesmo uma referência internacional.

Um deles é o programa desenvolvido na Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba- Coplana, em parceria com a Associação Nacional de Defesa Vegetal – Andef (entidade que reúne produtoras de defensivos agrícolas) e a Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo. “O problema era sério. Os produtores e os técnicos não sabiam o que fazer com milhares de embalagens de defensivos descartadas mensalmente. Até os técnicos desconheciam a destinação adequada deste tipo de material”, relembra Wellington de Caiado Castro, gerente da assessoria técnica da Coplana. As embalagens eram despejadas em qualquer lugar — o que gerava um risco de contaminação ao meio ambiente e um perigo à saúde das pessoas.

Tríplice lavagem

A solução surgiu com a implantação de um projeto pioneiro baseado no conceito da tríplice lavagem e em uma campanha permanente de conscientização junto aos 1300 cooperados. “Ensinamos o produtor a lavar a embalagem três vezes após o uso do produto. Este cuidado evita problemas de contaminação, permitindo, em níveis seguros, o armazenamento, o transporte e a reciclagem dos materiais. É um trabalho de catequese, que mostra ao agricultor a sua responsabilidade na preservação ambiental”, informa a engenheira agrônoma Paula Vaz Miranda, consultora da Andef para assuntos ambientais.

Apostando na idéia, a Coplana montou em suas instalações um barracão de armazenamento e tratamen-



Após a reciclagem, embalagens de defensivos se tornam conduítes

to para redução de volumes. “Quando o programa teve início, há seis anos, o volume de material não chegava a 5 toneladas/mês. Hoje, já com três centrais instaladas, a Coplana recebe voluntariamente uma média de 40 ton/mês de sucatas”, diz Wellington.

Exemplo brasileiro

Desde a implantação do projeto até agora, foram arrecadadas e recicladas 1.780 toneladas de embalagens: cerca de 80% de plástico, 15% de lata e 5% de vidro. Depois de ser prensado, enfardado e vendido para organizações autorizadas, o plástico vira conduíte corrugado, o metal é encaminhado para as siderúrgicas e o vidro para a indústria vidreira.

A metodologia criada em Guariba vem sendo adotada, desde 98, por mais de 40 cidades brasileiras. Devido à abrangência do projeto, também extrapolou fronteiras e ganhou prestígio internacional. A Coplana já recebeu a visita de técnicos de vários países.

“Este é o primeiro programa no mundo na área de defensivos agrícolas a ter começo, meio e fim. Nos demais países, o processo só vai até o armazenamento, não inclui a destinação final”, explica Paula.

Desenvolvimento sustentável

Segundo colocado no 1º Prêmio Balanço Ambiental da Gazeta Mercantil, instituído no ano passado, o trabalho da Fazenda Santa Isabel, localizada em Jaboticabal, é outro *case* de gestão sócio-ambiental. “Implantamos um amplo programa com três frentes básicas: atualização tecnológica, recuperação dos recursos naturais e valorização dos funcionários”, informa Paulo de Araújo Rodrigues, um

dos proprietários e gerente geral da fazenda.

Conforme suas afirmações, é antiga a preocupação da família com o tema. Em 1970, quando os países desenvolvidos despertavam para a necessidade da preservação da natureza — uma preocupação social que só chegaria ao Brasil no início da década de 90 — a fazenda já iniciava, então sob a orientação de Roberto Rodrigues, pai de Paulo, a utilização da soja na rotação de cultura com a cana e introduzia até mesmo a adubação orgânica. Hoje, dos 1,1 mil hectares da fazenda, 863 hectares estão ocupados com cana. Anualmente, 166 hectares têm plantio de soja em rotação de cultura. Além disso, na Santa Isabel 70% da colheita é mecanizada, sem queima. “Sempre procuramos utilizar técnicas que não prejudiquem o meio ambiente”, diz Paulo. E com o respaldo constante de uma atuação profissional. “Mantemos contatos e parcerias com várias instituições de ensino e órgãos da Secretaria Estadual de Agricultura”, revela.

Recuperação da vegetação nativa

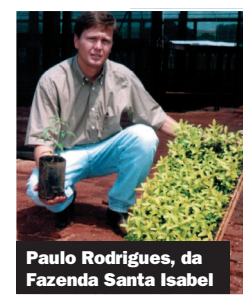
Outra preocupação foi aumentar as reservas da mata nativa da fazenda com um programa de reflorestamento. Há 15 anos foi feita uma pesquisa completa nas áreas remanescentes da Santa Isabel. “O objetivo era descobrir como era a vegetação nativa antes do desmatamento para o cultivo agrícola, que começou em 1892”, conta ele. Com o acompanhamento do Instituto de Botânica, o trabalho incluiu um intenso levantamento bibliográfico e de campo, coordenado por Eloísa Rodrigues, engenheira agrônoma e mãe de Paulo. Com base nas informações obtidas, foi montado um viveiro de mudas com espécies nativas da região.

Os resultados foram surpreendentes. Em 15 anos de trabalho foram plantadas cerca de 150 mil árvores de mais de 60 espécies diferentes. A área de mata remanescente, recuperada ou em recuperação, já tem 150 hectares. A meta é atingir pelo menos 200 hectares em três anos. “Hoje existem aqui animais como pacas, cutias e veados campeiros, assim como pássaros, que não eram vistos nem durante a minha infância”, comenta Paulo.

Outro trabalho importante é na área de educação junto aos funcionários. Desde o curso Mobral, nos anos 60, até hoje, a fazenda garante estudos a todos os funcionários e seus filhos até a faculdade. Nos últimos 30 anos já formou mais de 20 profissionais em nível superior (advogados, médicos, engenheiros etc) e outros tantos em nível médio. “É o papel social da empresa rural”, enfatizam seus proprietários.

Ação conjunta

Para o professor da Escola de Engenharia de São Carlos, Marcelo Pereira de Souza, membro da comissão julgadora do Prêmio da Gazeta Mercantil, os problemas



Paulo Rodrigues, da Fazenda Santa Isabel



Cultura da cana convivendo com áreas preservadas

FOTOS: CEDIAS PELA ANDEF

relacionados ao meio ambiente só podem ser resolvidos com maior conscientização e educação. “A ação conjunta da sociedade civil, do Ministério Público e de proprietários rurais deve transformar a questão ambiental em um valor universal”, acrescenta.

Segundo Dirceu Pio, diretor da Gazeta Mercantil e um dos idealizadores do Prêmio Balanço Ambiental, muitas agroindústrias e produtores rurais do interior de São Paulo tem investido pesado em gestão ambiental. Entretanto, ele considera que no setor agrícola, apesar dos vários exemplos de competência, é preciso aumentar a consciência do agricultor rural em relação ao problema. Na sua opinião, existe um conflito na relação entre o governo e o setor agrícola. “O governo deveria investir mais em programas de conscientização e não somente orientar sua conduta com ações punitivas”, ressalta.

Levantamento via satélite

Dentro de três meses, aproximadamente, a região da Alta Mogiana, parte integrante da macroregião de Ribeirão Preto será foco de uma pesquisa inédita. É que a Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas – Cocapec encomendou um levantamento fotográfico via satélite das principais culturas e do perfil ambiental da área. “Até hoje não temos o número exato de pés de café nem um quadro detalhado das nossas reservas naturais — a única maneira de se fazer um trabalho de preservação”, informa David Sebastião Ferreira, diretor-presidente. Para ele, as ações ecologicamente corretas são hoje um quesito indispensável para quem quer participar do mercado internacional. “Os produtos com selo verde, uma espécie de certificado de respeito ao meio ambiente e ao ser humano, têm maior valor agregado”, salienta.